

Análise Crítica do Discurso e Realismo Crítico: Reflexões teórico-metodológicas

Por Solange Maria de BARROS Papa*

Já é consenso entre os analistas críticos do discurso sobre a necessidade de entender a linguagem como *‘prática social’* (FAIRCLOUGH, 1989; 2001; 2003; KRESS, 1990; VAN DIJK, 1993; entre outros). A linguagem contribui para a “produção, manutenção e mudança nas relações sociais de poder”, bem como “amplia a consciência de como ela contribui para a dominação de umas pessoas sobre outras, já que a consciência é o primeiro passo para a emancipação” (FAIRCLOUGH, 1989:1). Para os analistas críticos do discurso, a linguagem não é algo puramente individual; ao contrário, é carregada de sentidos, subjaz uma ideologia. A linguagem como prática social implica, conforme Fairclough (2003:94), questões de ordem econômica, política, cultural e ideológica.

Os estudiosos críticos do discurso consideram algumas abordagens de análise de textos (orais e escritos) necessárias para garantir uma dimensão mais crítica na pesquisa social. Conforme Fairclough (2003: 5), a abordagem da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994;2004) contribui para a análise linguística dos textos. Outros analistas críticos do discurso têm se utilizado de estudos da ‘pragmática’ para análise dos atos de fala (CHILTON, 1985; VAN DIJK, 1988) e de relatos de histórias de vida (PAPA, 2005; 2007; 2008), sendo esta, considerada como uma rica ferramenta para uma melhor compreensão dos níveis micro e macrosocial. Há ainda os estudos da etnografia (CHOULIARAKI, 1995; RESENDE, 2008) e uma versão de análise crítica baseada na *‘crítica explanatória’* desenvolvida por Bhaskar (1986), e considerada por Chouliaraki e Fairclough (1999:60) e Fairclough (2003: 209) como uma forma de linguagem crítica, visando a emancipação social. Conforme nos assegura Kress (1990:85), os analistas críticos do discurso buscam não apenas desvelar o modo como as práticas linguístico-discursivas imbricam nas estruturas sociopolíticas de poder e dominação, mas, principalmente, operar mudanças nessas mesmas práticas e estruturas sociais.

* Doutora em Linguística Aplicada em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Docente do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Docente colaboradora do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.
e-mail: solbip@yahoo.com.br

Neste artigo, apresento algumas reflexões teórico-metodológicas da Análise Crítica do Discurso (ACD), ressaltando aspectos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) e do Realismo Crítico (RC), considerados de suma importância para os analistas críticos do discurso que desejam não apenas remover o véu ideológico das estruturas sociais de poder, opressão e dominação, mas também agir de forma a transformar essas mesmas estruturas sociais. Ao discutir sobre os aspectos teórico-metodológicos da ACD e do RC, teço também considerações sobre a relevância dos relatos das histórias de vida para a ACD.

Análise Crítica do Discurso e Gramática Sistêmico-Funcional

A linguagem é elemento básico na vida social, sendo, portanto, parte da sociedade. A linguagem como processo social, deve, necessariamente, envolver o discurso, pois, segundo Fairclough (1989:25):

“envolve condições sociais, que podem ser especificadas como condições sociais de produção e condições sociais de interpretações. Além disso, essas condições sociais se relacionam com três diferentes ‘níveis’ de organização social: o nível da situação social, ou o meio social imediato, no qual o discurso ocorre; o nível da instituição social, que constitui uma matriz mais ampla para o discurso; e o nível da sociedade como um todo”. (tradução minha).

O discurso é entendido como uma forma de ação no mundo. É mediante o discurso que os indivíduos constroem sua realidade social, agem no mundo em condições histórico-sociais e nas relações de poder nas quais operam (FAIRCLOUGH, 1989). Para esse autor, o discurso não é apenas prática de representação do mundo; mas também prática de significação no mundo, construindo o mundo em significado. O discurso contribui para a construção de: ‘*identidades sociais*’, ‘*relações sociais entre as pessoas*’ e ‘*sistemas de conhecimento e crença*’ (FAIRCLOUGH, 2003: 91).

Do ponto de vista metodológico, alguns aspectos do discurso são relevantes para a análise de textos. Ou seja, o discurso é visto sob estas três dimensões: (i) *Texto - descrição* dos aspectos relevantes da estrutura textual (oral ou escrito); (ii) *Prática discursiva - interpretação* do texto, incluindo a produção, distribuição e consumo (leitura e interpretação); (iii) *prática social - explicação* da relação dos processos discursivos e sociais (FAIRCLOUGH, 1989; 2001). Fazer uma análise crítica do

discurso implica, portanto, em considerar esses três níveis tridimensionais. A seguir, explicitarei cada um deles.

No primeiro nível – o *Textual* - é fundamental considerar a GSF, como uma abordagem voltada para a descrição minuciosa e sistemática dos padrões lingüísticos. A análise do texto (oral ou escrito) é vista sob a perspectiva sócio-semiótica, na qual os significados são entendidos a partir de escolhas lingüísticas, estruturalmente organizadas (HALLIDAY, 1994). As escolhas que o falante/escritor faz, segundo Halliday (1994), operam em todos os níveis do discurso: lexical, sintático, modal, e é por meio delas que se pode perceber o nível de expressividade presente numa determinada situação comunicativa. O léxico utilizado num texto carrega traços da identidade do falante/escritor, uma vez que as escolhas feitas pelo falante/escritor podem estar transparentes ou não, precisando, portanto, ser desvelados. A análise lingüística permite, dessa forma, interpretar os significados presentes nos textos.

No segundo nível – *prática discursiva* – é preciso considerar a *interpretação* do texto, ou seja, questões inerentes à produção, à distribuição e consumo (leitura e interpretação). Neste nível de análise, os aspectos intertextuais e interdiscursivos presentes no texto devem ser avaliados. Fairclough (2001:115) explica que a *prática discursiva* deve combinar ‘microanálise’ e ‘macroanálise’. Conforme o autor, é a natureza da *prática social* que determina a prática discursiva.

No terceiro nível – *prática social* – busca a *explicação* macrossocial da prática discursiva. Neste nível de análise, busca-se compreender como as estruturas sociais moldam os textos e como eles refletem as estruturas sociais. A análise da *prática social* traz à tona os efeitos ideológicos e políticos presentes nos textos. Fairclough (2001: 289) assegura que ao sermos capazes de identificar a natureza da prática social, seremos capazes de explicar os seus efeitos sobre a prática social.

A ACD tem procurado expandir seu modelo de análise, na relação entre os níveis textual e social. Ela tem apresentado, por exemplo, princípios metodológicos, que podem contribuir para o aprimoramento da análise de textos orais e escritos. A ênfase na ‘análise interdiscursiva’ de textos (em termos de hibridade de gêneros, discursos e estilos), é uma tentativa, por exemplo, de suprir o espaço existente entre texto e contexto, isto é, entre linguagem e contexto social.

Nessa perspectiva, é relevante para o analista de discurso crítico se utilizar da GSF, a fim de se investigar melhor a linguagem do ponto de vista micro e macrossociais. A ACD, em conjugação com a GSF, pode proporcionar ao analista crítico do discurso

uma visão mais holística do contexto social investigado, estreitando cada vez mais o elo entre o texto e o contexto, entre o social e o lingüístico. A convergência dessas duas concepções teórico-analíticas é uma forma dialética de olhar a linguagem sob vários prismas. Trata-se de diferentes modos de enxergar e sentir a realidade e o mundo, para compreender melhor os mecanismos sociais de dominação e resistência ou de emancipação e transformação social.

Análise Crítica do Discurso e Realismo Crítico

Para os analistas de discurso (cf. CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), o termo Realismo Crítico¹ surge pela primeira vez para explicar a organização da vida social como um sistema aberto. Chouliaraki e Fairclough (1999), em consonância com Bhaskar (1986; 1998), entendem que há várias dimensões da vida social, incluindo físico, químico, biológico, econômico, social, psicológico e lingüístico e que estes possuem estruturas distintas, com efeitos gerativos nos eventos, através de mecanismos particulares. Inspirados no Realismo Crítico, Chouliaraki e Fairclough (1999) conseguiram organizar um modelo analítico que possibilitasse identificar problemas sociais, materializados em textos orais ou escritos. Essa abertura de possibilidades transdisciplinares fez com que a ACD ganhasse cada vez mais espaço na ciência social crítica, permitindo aos analistas de discurso uma compreensão cada vez mais ampliada da vida social, principalmente em relação aos elementos micro e macrosociais.

Chouliaraki e Fairclough (1999), em conformidade com Bhaskar (1998; 2002), entendem que as pesquisas em ACD devem estar voltadas para problemas práticos da vida social, vislumbrando, assim, uma '*crítica explanatória*' (BHASKAR, 1998; 2002), construída com base nas descobertas dos problemas sociais, oriundos das práticas sociais, e a partir delas buscar soluções para a sua superação. E para alcançar o potencial explanatório, o ponto de partida é a análise de como os significados são construídos na prática social. Para tanto, Fairclough (1989; 2003) propõe uma

¹ O Realismo Crítico refere-se à idéia de que existe uma realidade exterior, independente das concepções que se tenha dela. Bhaskar (1998:41) distingue não apenas o mundo e a nossa experiência, mas a sua estratificação ontológica — a questão do *Ser*, representado pelos três domínios da realidade: o *Real*, o *Realizável* e o *Empírico*. O domínio do *Real* pode ser entendido como tudo que existe na natureza, sejam eles objetos naturais (estruturas atômicas e estruturas químicas), sejam sociais (idéias, relações sociais, modos de produção etc.). O domínio do *Realizável* consiste em eventos ou atividades que são realizadas e, portanto, geram efeitos de poder, podendo ser observáveis ou não. O domínio do *Empírico* é entendido como o domínio da experiência. Se tomarmos o exemplo de qualquer trabalhador, seja ele professor, seja médico, etc., sua capacidade física e mental se concentra no domínio do *Real*, enquanto seu trabalho como atividade que gera efeito de poder, se concentra no domínio do *Realizável*.

abordagem de análise de discurso que pode contribuir para o crescimento da pesquisa social crítica, uma vez que a ACD enfatiza a relação dialética entre o discurso e outros elementos das práticas sociais (outras formas de *semioses*: linguagem corporal, imagens visuais etc).

O modelo de análise proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999), baseado na *crítica explantória* de Bhaskar (1998; 2002) sugere cinco estágios:

- 1) Identificação do problema;
- 2) Obstáculos a serem enfrentados;
- 3) Função do problema na prática;
- 4) Possíveis maneiras de superar os obstáculos;
- 5) Reflexão da análise.

No primeiro estágio, conforme nos assegura Chouliaraki e Fairclough (1999), o analista crítico do discurso deve *identificar o problema* que pode estar em alguma parte da vida social (ex. educação, política, economia etc).

No segundo estágio, o analista crítico do discurso deve reconhecer os possíveis *obstáculos a serem enfrentados*. Precisa fazer uma análise denominada por Chouliaraki e Fairclough (1999) de *análise de conjuntura*. Conforme os autores, a *conjuntura* a que eles se referem representa um trajeto particular de uma rede de práticas que constituem as estruturas sociais. Ao proceder a *análise de conjuntura*, o analista crítico de discurso deve atentar-se para a *análise de uma prática em particular* ou *práticas* sociais. Chouliaraki e Fairclough (1999) identificam 04 (quatro) momentos da prática social: *atividade material; relações sociais; fenômenos mentais e discurso*.

Um aspecto relevante destacado por Chouliaraki e Fairclough (1999:61) para a pesquisa analítica do discurso é o trabalho conjunto com outros métodos científicos sociais, particularmente a etnografia. Segundo os autores, a combinação desses dois métodos pode ser útil para ambos. A etnografia requer a presença do pesquisador, por um período de tempo, no contexto da prática social, contribuindo para o conhecimento além do texto.

No terceiro estágio, o analista crítico do discurso procura olhar a *função do problema na prática*. Chouliaraki e Fairclough (1999) ressaltam a necessidade de que seja considerado o *‘se’* e o *‘como’* o aspecto problemático do discurso tem uma função particular dentro da prática social. Significa dizer que o analista deve se concentrar em apenas um aspecto da análise, acima dos obstáculos, para conseguir abordar o problema. Significa também mudar do *‘é’* para *‘deve’*, ou seja, passar da fase da *explicação* da

prática que conduz ao problema, para a fase da *avaliação* da prática, em termos de resultados.

No quarto estágio, o analista crítico do discurso procura as *possíveis maneiras de superar os obstáculos*. Deve-se também mudar do ‘é’ para ‘deve’, isto é, se as práticas estiverem problemáticas ou danificadas, o analista tem que procurar transformá-las. O analista crítico do discurso deve, portanto, investigar os efeitos reprodutivos das práticas.

No quinto e último estágio, o analista crítico do discurso deve fazer uma *reflexão da análise*, isto é, manter-se como um pesquisador reflexivo, tendo em vista ser a pesquisa social uma pesquisa crítica. Nesse sentido, a reflexão feita pelo analista crítico do discurso deve levar em consideração se o que está sendo realizado é de fato uma pesquisa que visa algum tipo de mudança na prática social.

Relatos de histórias de vidas

As considerações feitas por Chouliaraki e Fairclough (1999), com base no Realismo Crítico (Bhaskar, 1998; 2002), sobre o modelo de análise de *crítica explanatória* (BHASKAR, 1998; 2002), permitem uma reflexão mais profunda sobre como nós, analistas críticos do discurso, realizamos pesquisas com base na ACD. O que se tem visto nos últimos congressos da ACD são trabalhos com a preocupação de desvelar relações de poder e ideologia, mas que nada tem de ‘*engajamento*’ junto aos reais problemas práticos da vida social. No meu entendimento, desvelar relações de poder, hegemonia, opressão etc deve ser apenas uma parte da análise realizada pelo pesquisador social crítico. Para alcançar um potencial crítico, como deseja Bhaskar (1998; 2002), em sua proposta de ‘*crítica explanatória*’, e corroborado por Chouliaraki e Fairclough (1999), é preciso não apenas desvelar as relações de poder, ideologia, opressão etc., mas, a partir delas, buscar soluções práticas para a sua superação.

Bhaskar (1998:462), ao construir seu pensamento filosófico sobre emancipação e transformação social, apresenta uma proposta para a ciência social crítica, pois, segundo ele, os mecanismos geradores dos problemas podem ser removidos. Para esse autor, a emancipação não pode ser alcançada apenas pela mudança da consciência; ao contrário, ela deve ocorrer na prática, ou seja, deve passar pela transformação dos próprios agentes ou participantes.

As contribuições das teorias sociais críticas são relevantes para a ACD. Todavia, há ainda muitos caminhos a percorrer. Nada está pronto e acabado. Reflexões frutíferas

ainda estão por vir e certamente serão bem vindas. Do ponto de vista da análise de significados apresentados nos textos, alguns caminhos transdisciplinares surgem como uma tentativa de melhor compreender os níveis micro e macrosociais.

Além da abordagem etnográfica defendida por Chouliaraki e Fairclough (1999:61), há, ainda, os relatos de histórias de vida, considerados também de suma importância para ampliar a visão do pesquisador na análise de textos orais e escritos (cf. PAPA, 2005; 2007; 2008).

Os relatos de histórias de vida podem contribuir com a ACD, uma vez que fornecem pistas ao analista sobre outros significados que podem ou não estar presentes nos textos. Enquanto instrumento de coleta para gerar dados, os relatos de histórias de vida podem ser utilizados pelo analista crítico de discurso para uma compreensão mais ‘profunda’ da estrutura social (BHASKAR, 1998; 2002).

Os relatos de histórias de vida são descrições de eventos em que são apreendidos os significados das ações dos participantes, suas crenças, valores e experiências vividas e como elas se desenvolvem. Conforme Clandinin e Connely (2004), as experiências são as histórias de vida das pessoas e consiste não apenas de fatos, mas também de valores, emoções e memórias. Nessa mesma perspectiva, Goodson e Sike (2001) argumentam também que as histórias são memórias e que todas as memórias são histórias. Ou seja, quando falamos sobre nós mesmos, estamos nos referindo a nossa identidade, sentimentos, imagens, e os relatos revelam o modo como experienciamos o mundo. Contudo, nem sempre o pesquisador consegue captar toda a história de vida do sujeito, participante da pesquisa. Quase sempre há um *ocultamento* de experiências tristes que foram por eles vivenciados. Nesse caso, os elementos discursivos que poderiam ser cruciais para a análise deixam de ser revelados e o analista acaba não conseguindo capturar outros discursos da vida desse sujeito.

Sob a ótica da ACD e do RC, alguns estudos² vêm sendo feitos desde 2006, na Escola Estadual ‘Meninos do Futuro’, localizada no Centro Sócio-Educativo do Complexo Pomeri³, na cidade de Cuiabá/MT (cf. PAPA, 2007; 2008; 2009). Os professores da escola participam de grupos de estudos, onde são oportunizados

² O projeto desenvolvido na escola tem como título: ‘*Formação Contínua do Professor de Línguas: (Re) Construção da Prática Pedagógica.*’

³ A Escola ‘*Meninos do Futuro*’ está localizada no Centro Sócio Educativo do Complexo Pomeri, e atende crianças e adolescentes egressos de medidas sócio-educativas, sob guarda judicial e em situação de vulnerabilidade social.

momentos de discussões e reflexões sobre temas concernentes à emancipação e transformação social.

A experiência realizada com os professores dessa escola, particularmente, com a professora Keila (nome fictício), tem mostrado resultados significativos do ponto de vista de mudança das práticas sociais.

Foram realizadas gravações de entrevistas⁴ com a professora, além dos relatos de suas histórias de vida. Keila não autorizou que fossem gravados os relatos de suas histórias de vida. Os relatos foram registrados, etnograficamente, como anotações de campo. É importante ressaltar que os de relatos serviram apenas como um instrumento para gerar dados, contribuindo, positivamente, para ampliar a minha visão enquanto analista crítica do discurso, a fim de obter uma melhor compreensão do contexto macrossocial, no momento da análise das entrevistas.

Keila trabalha na escola desde 2003. É professora de espanhol. Diz nunca ter trabalhado com adolescentes e jovens em situação de risco. É a sua primeira experiência com essa clientela estudantil. Ao relatar-me suas histórias de vida, ela menciona sobre a sua família. Diz não ter conhecido sua mãe biológica. Fora criada pelo pai biológico e sua madrasta desde tenra idade. Por não ter tido uma filha mulher, sua madrasta adotou-a como legítima, dando-lhe todo o amor e carinho. Keila relata também que vivenciou, ainda criança, o drama da sua madrasta com o filho legítimo, ao vê-lo se envolver com drogas. Afirma ter sofrido, juntamente com a mãe adotiva, o problema do irmão.

Em entrevista informal, Keila comenta sobre o esforço para realizar o 1º Seminário de Literatura⁵ na escola, no ano de 2006.

“Esse Seminário de Literatura, desde 2004 era pra acontecer (...) pra nós desenvolvermos qualquer tipo de evento...**nós temos que ter apoio**...da segurança...quanto do financeiro mesmo...por que? Porque se nós quisermos a sós não temos como. (...) **nós temos que ter** autorização pros meninos levarem os livros pra ala⁶”.

⁴ Uma versão da análise deste trabalho foi apresentado no IV GELCO (Grupo de Estudos Linguísticos do Centro Oeste), em novembro de 2008, na Universidade Federal de Mato Grosso. Foram utilizadas reflexões teóricas do Realismo Crítico sobre ‘causalidade’, ‘poderes causais’ e ‘agentes causais’ (cf. Revista Polifonia – IV GELCO, nº 17, pp. 141-157, 2009).

⁵ Desde 1996, os professores passaram a realizar, anualmente, Seminários com os alunos. A cada ano, novos temas são selecionados. Alunos e professores escolhem a temática e organizam o Seminário. Pais, professores e autoridades do Centro Sócio-Educativo do Pomeri são convidados a assistirem as apresentações dos alunos. ‘Drogas’ foi o tema escolhidos pelos alunos, no ano de 2009.

⁶ Possui também o significado de ‘quarto’ (linguajar utilizado pelos alunos e professora).

Nesse excerto, Keila mostra a dificuldade em realizar qualquer tipo de atividade na escola. Ao dizer “qualquer tipo de evento *nós temos que ter* apoio da segurança”, Keila usa alto grau de modulação “*temos que ter*”, sinalizando proibição da escola para esse tipo de evento. Percebe-se que a estrutura social do Centro Sócio-Educativo do Complexo do Pomeri, composta por chefes e subordinados “disciplinados”, impede que qualquer evento social seja realizado no ambiente escolar.

Keila comenta também sobre a decisão tomada pelo Superintendente do Centro Sócio-Educativo do Pomeri, para a realização do 1º Seminário de Literatura:

“(…) tem que ter autorização...né?...por que? (...) este ano o **Cristiano⁷ acreditou e resolveu apoiar**... a educação..ele viu a proposta**a proposta veio do Cristiano...nos envolvemos junto a ele...sentamos junto**....e ele falou...“*se vocês acreditam eu vou apoiar*”.

Esse depoimento mostra de forma contundente o poder exercido pelo Superintendente Cristiano o qual (des) autoriza qualquer atividade pedagógica na escola. Ao dizer: “*o Cristiano acreditou e resolveu apoiar*”, Keila usa processo mental ‘*acreditar*’ para sinalizar uma atitude de decisão sobre a proposta de se realizar o Seminário. Percebe-se, que a proposta de realização do Seminário surge a partir de Keila. É ela a responsável pela tentativa de negociação da proposta junto ao Superintendente. Enquanto detentor de poderes que lhe são atribuídos pelo Centro Sócio-Educativo do Pomeri, caberia somente ao Superintendente dar a voz de comando para autorizar a realização do Seminário.

Percebe-se, pelos relatos das histórias de vida de Keila, que o seu engajamento não se concentra apenas no cumprimento das atividades pedagógicas que lhe são atribuídas. O interesse na realização de eventos como o Seminário de Literatura está intimamente ligado às suas experiências de vida. Keila também vivenciou o drama de sua madrastra ao ver seu irmão adotivo se envolver com drogas. Assim como ele, no período de sua adolescência, vários jovens que vivem hoje no Pomeri têm procurado esse mesmo caminho para esquecer o seu passado triste e desalentador.

Os relatos de histórias de vida podem ser uma rica ferramenta para a ACD, assegurando uma compreensão mais ampla da estrutura social, pois a estrutura social molda os textos e estes refletem a estrutura social. Os relatos de histórias de vida de

⁷ Nome fictício.

Keila forneceram pistas para uma análise mais profunda sobre outros significados que não puderam estar visíveis nos textos.

Desvelar relações de poder, opressão etc deve ser apenas uma parte da análise crítica do discurso. Para alcançar um potencial crítico, como deseja Bhaskar (1986; 1998), em sua proposta de *'crítica explanatória'*, é preciso não apenas mostrar as relações de poder e ideologia existentes, mas, a partir delas, buscar soluções práticas para a sua superação.

Conclusão

Neste artigo, apresentei algumas reflexões teórico-metodológicas da Análise Crítica do Discurso (ACD), ressaltando aspectos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) e do Realismo Crítico (RC), considerados relevantes para analistas críticos do discurso que desejam agir de forma a transformar as estruturas sociais de poder e opressão. As considerações feitas por Chouliaraki e Fairclough (1999), com base no Realismo Crítico de Bhaskar (1989), permitem uma reflexão mais profunda sobre como nós, analistas críticos do discurso, estamos realizando pesquisas com base na ACD. As relações de poder, hegemonia e opressão devem ser apenas uma parte da análise realizada pelo pesquisador social crítico. Chouliaraki e Fairclough (1999:60) e Fairclough (2003:209) corroboram com proposta de *'crítica explanatória'* defendida por Bhaskar (1986; 1998), de que é preciso não apenas desvelar as estruturas sociais de poder, ideologia, opressão etc, mas, a partir delas, buscar soluções para a sua superação.

Chouliaraki e Fairclough (1999:61) argumentam a favor da etnografia para a ACD. Assim como a etnografia, os relatos de histórias de vida podem ser também úteis para a ACD, contribuindo, significativamente, para a compreensão dos mecanismos sociais de dominação e resistência ou de emancipação e de transformação social. O uso dessa ferramenta permite que outros significados invisíveis sejam interpretados. Os relatos das histórias de vida da professora Keila permitiram, por exemplo, que outros discursos fossem trazidos à tona.

O seu esforço em defesa de atividades pedagógicas que venham contribuir para melhorar a vida dessas jovens revela uma postura de educadora crítica no processo de emancipação. Ao privilegiar o desenvolvimento de práticas sociais libertadoras, Keila está também contribuindo para que a sua própria prática pedagógica seja de fato

transformadora. Este trabalho é apenas o início de uma longa caminhada a percorrer nas searas da ACD e RC.

Referência Bibliográfica

BHASKAR, R. *From Science to Emancipation. Alienation and the Actuality of Enlightenment*. Sage Publications. New Delhi/London, 2002.

BHASKAR, R. Critical Realism. Essential Readings. In: Archer, M.; Bhaskar, R.; Collier, A.; Lawson, T. e Norrie, A. Centre For Critical Realism. London: Routledge, 1998.

CLANDININ, D.J. & CONNELLY, F.M. *Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2004.

CHILTON, P. (Org.) *Language and the Nuclear Arms Debate: Nukspeak Today*. Londres: Pinter, 1985.

CHOULIARAKI, L. *Regulation and Heteroglossia in One Institutional Context. The Case of a 'Progressivist' English Classroom*. Tese de Doutorado. Universidade de Lancaaster, 1995.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity. Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse*. Routledge: Taylor & Francis Group. London and New York, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Tradução de Izabel Mabalhães. Editora: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Longman, 1989.

GOODSON, I & SIKE, P. *Life History Research in Education Settings*. Open University Press: Buckingham – Philadelphia, 2001.

HALLIDAY, M. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

KRESS, G. Critical Discourse Analysis, in: W. Grabe (org.), *Annual Review of Applied Linguistic* 11, pp. 84-99, 1990.

PAPA, S. M. de B.. *Prática Pedagógica Emancipatória: O Professor Reflexivo em Processo de Mudança*. Um Exercício em Análise Crítica do Discurso. Pedro & João Editores, São Carlos, 2008.

PAPA, S. M. B. I. Realismo Crítico e a Formação Emancipatória do Educador de Línguas. Texto apresentado em Conferência na UnB - NELiS (Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade), 2008a.

PAPA, S. M.de B. I. O Professor Reflexivo e a Sala de Aula de Língua Estrangeira: Uma Análise Crítica do Discurso. Revista II ENALHIC. Campinas, Pontes, 2007.

PAPA, S. M.de B. I. O Professor Reflexivo em Processo de Mudança na Sala de Aula de Língua Estrangeira: Caminhos para a (auto) Emancipação e Transformação Social. Tese de Doutorado, LAEL – PUC/SP, 2005.

RESENDE, V. M. Análise de discurso crítica e etnografia: o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, sua crise e o protagonismo juvenil. Tese de Doutorado. UnB, 2008.

VAN DIJK, T. *Principles of critical discourse analysis*. Discourse & Society, vol 4 (2), pp. 249-28, 1993.

VAN DIJK, T. *News as Discourse*. Hillsdale, N. J.: Erlbaum, 1988.